

## O BRASIL NÃO CONHECE O BRASIL

Luiz Carlos Corrêa Carvalho♦

Desde o agrupamento dos principais países emergentes em um bloco denominado BRIC, formado por Brasil, Rússia, Índia e China, criação esta de Jim O'Neal, o mundo veio observando a evolução desses países e, de forma geral, elegendo-os como a força motiz do crescimento econômico mundial no Século XXI. Ao adicionar a este grupo de países os EUA, tem-se um efeito de impacto extremamente importante na visão da geopolítica global:

- são países com área agrícola superior a 30 milhões de ha;
- tem população urbana superior a 80 milhões de habitantes;
- tem PIB anual superior a US\$ 1 trilhão.

Somente estes são os países que concentram área enorme, grande população urbana e elevado PIB, ao mesmo tempo, fazendo deles destaque em termos de oferta e demanda de alimentos e de energia.

O Brasil, assim como os EUA e Índia, tem uma democracia consolidada, entre os 5 citados. Desses 3, quem tem real capacidade de expansão de oferta do agronegócio tanto para alimentos como energia renovável de forma sustentável, é o Brasil.

Analistas do Século XX o qualificam como tendo sido o Século da Oferta, que levou a uma queda real dos preços dos alimentos em 48%! Somente a produtividade e a inserção de biomas até então não produtivos, como o cerrado brasileiro, permitiram atender a demanda crescente, a preços baixos. O Século XXI mostra uma outra realidade, face as limitações de áreas novas para agricultura, produtividades agrícolas médias estagnadas no planeta; crescentes dificuldades impostas pela nova mentalidade ambiental, sob um crescimento populacional e de renda per capita não antes vistos, suprimentos de água que diminuem e a temperatura média do planeta, que aumenta. Toda essa nova realidade segue revestida de uma necessidade urgente da mudança dos paradigmas de produção e uso de energia, de redução acelerada da chamada pobreza absoluta e da insegurança constante que vem das nações produtoras de petróleo no mundo.

Nos últimos 20 anos, o agronegócio brasileiro cresceu a produção de grãos de 76 milhões de toneladas para 185 milhões de toneladas! Os sucessivos ganhos de produtividade possibilitaram a economia de 67 milhões de hectares. A produção de canas aumentou de forma expressiva (bovina, mais 94%; suína, mais 214%; frango, mais 465%) e a de energia renovável foi, também, impressionante. Nos últimos 10 anos, a oferta de cana-de-açúcar simplesmente dobrou.

Um olhar sobre as cadeias produtivas do agronegócio mostra competência em ofertar, quase melhor em tudo! O pós-produção agroindustrial, no entanto, é um desastre. A logística e a infraestrutura reduzem ou tornam negativas as margens obtidas a preços de mercado, ao levar os produtos sempre com custos muito mais elevados que os dos nossos concorrentes internacionais.

Se ocorre um desastre climático, outra contabilidade extremamente negativa, na ausência de seguro rural. Fica a imagem posterior de dívidas, de devedor.

---

♦ Presidente da ABAG – Associação Brasileira do Agronegócio.

Saindo dos portos (dos poucos que temos), a falta de acordos bilaterais travam o Brasil e, nisso, as possibilidades de ingresso sem protecionismo, n os grandes países produtores, são muito pequenas.

Lutar contra juros altos e câmbio valorizado fez sofrer o agronegócio por longo período.

Após o Plano Real (que teve como âncora o agronegócio), o novo Brasil passou a ser visto como o sucessor maior (exceto China) entre os emergentes e, assim, a grande atração ao capital internacional. Foram também anos muito positivos, os de 2002 a 2008! O Brasil fez a lição de casa e conquistou respeito.

Os ventos úmidos do verão, derrubando as folhas secas do outono, arrepiando com o frio do inverno e derramando as graças da primavera, eram, para a lógica divina ambiental o que a taxa de câmbio flutuante com livre mobilidade de capitais, para ajustar as contas externas; taxa de juro real elevada, para garantir as metas de inflação; superávit primário crescente, para conter o endividamento do setor público.

À volatilidade do clima no Brasil nos últimos anos, acompanhou as mudanças na política econômica do Governo Dilma, e os resultados são muito ruins.

O Brasil, via Poder Executivo, perdeu a capacidade de planejar, o que é muito ruim. Toca o dia-a-dia no balanço de tentativas e erros e as ruas gritam por serviços à altura dos impostos. O som das ruas se mistura às decisões do Judiciário, criando esperança. O Legislativo, pouco ouve, quase não vê e muito fala, mas a música é a mesma. O setor produtivo vai causando e, com isso, as enormes oportunidades do agronegócio ao País são confrontadas com dificuldades de todo tipo, desde restrições ao capital externo até redução de áreas produtivas.

O Brasil, realmente, não conhece o Brasil.....